

Os galanteios homo-eróticos na ficção de João Gilberto Noll

Prof. Dr. Paulo César García¹ – UNEB

Resumo:

Sem dúvida, o erotismo constitui-se como marca de leitura na literatura ocidental e latino-americana. E o homo-erotismo se revela como lugar de enunciação em seus gestos e práticas investidos na legião livre da existência. Como um olhar que registra as vias urbanas, este mesmo olhar flagra os contatos homossexuais entre e com homens demarcados no disparate, tendo como medida as experiências on the road. Na perspectiva de George Bataille, o encontro homoerótico se projeta com o riso partilhado, as conversas, a amizade, o erotismo, o que espelha, assim, a aventura sexual abrigada por intermédio do tempo dos instantes, convocando o prazer. Em nome da amizade erótica, o galanteio da conquista aciona outras parcerias sexuais masculinas e a narrativa de João Gilberto Noll visa a esse campo de visão. Através da escrita vertiginosamente fálica do autor gaúcho, pretendo refletir, neste simpósio, como as relações homoeróticas são construídas, engendrando formas de existência e dando visibilidade aos experimentos do homem com o seu corpo, com o sexo, afluindo a potência do masculino por outras fronteiras.

Palavras-chave: Amizade; Experimento; Homoerotismo

Na perspectiva de George Bataille, a existência da amizade sugere não se encontrar onde os homens se consideram isoladamente; ela começa com as conversas, o riso partilhado, a amizade, o erotismo – ela tem lugar somente na *passagem de um ao outro* (BATAILLE, 1940). A reflexão de Bataille enaltece mais o sentido de a amizade se efetuar pela passagem impingida aos parceiros com interesses comuns. Espelha-se, aí, o desafio de pôr os personagens dos romances de João Gilberto Noll nas estradas onde a cada encontro com o outro faz acionar o transporte sexual. Também, na perspectiva do discurso de Foucault, não importa a “galantaria da conquista” e sim “experimentar o foco corpóreo” nos encontros de amizade. Foco que é exemplarmente proveniente do estilo de existência e com o qual faz aflorar, a exemplo da afirmativa de Ítalo Moriconi, o talo, cuja escrita vertiginosamente fálica, como se dar a ver em Noll, prever a escrita do talo, uma escrita que oferece de bandeja a obscenidade do falo, a divinização do falo, aqui e agora (MORICONI, 2003).

Foucault enaltece em relação às escolhas sexuais o sentido de combater a privacidade dos relacionamentos gays e torná-los públicos, questionantes, evidentes, e que em muitas obras da literatura, o anonimato e a clandestinidade ainda persistem como um toque de recolher. Assim, a rua é o lugar onde se funda o sexo na clandestinidade, cujo nome e histórias de vida não têm razão de ser. Trata-se de ver como o sujeito se concebe em relação a sua própria sexualidade e não somente pelo fator da repressão remontada ao cristianismo em suas normas restritivas ou proibitivas que diz o que deve ou não fazer.

É também, como propõe Foucault, a consciência de que a pessoa tem do que está fazendo, do que faz com a experiência, e também o valor que atribui a ele. “A afetividade, o amor, o desejo e a relação sexual intersubjetiva assumem, na sua visão, importância positiva quando manifesta a si mesma as relações afetivas com o outro” (FOUCAULT, 2005, p. 12). A piscadela na rua e a repentina forma de ir ao que importa têm sob custódia a repressão com a qual as relações homossexuais são consumadas. O caráter ardente e veemente das amizades é fundado, então, nessa premissa: ir ao encontro ao que interessa, o gozo, expelir o prazer.

¹ Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB DCH IV. Doutor em Teoria Literária – UFSC

O momento significativo que Foucault já aludia ocorre no pós-ato sexual, levando em conta o modo de imaginação e os instantes vividos. É quando o desejo é despojado de sua soberania e controle normativo para se espreitar nos becos das cidades. Trato, aqui, de ver a experiência da amizade, na obra de João Gilberto Noll, sobretudo, como uma forma de galanteios que se faz presente por meio da contemplação, do olhar para o outro. A existência desse ato constitui-se no jogo improvisado de desejos cujas atenções e contenções despertam a si e convidam para o cartaz do estético, de corpos em fúrias, e por meio dos quais o manifesto erótico sempre ronda as voltas do personagens em seus trânsitos pelas cidades.

A produção literária de Noll inicia nos anos 80 do século XX, em um período de movimentos de embate contra o regime militar e atravessado por olhares sequiosos para segmentar a abertura democrática no Brasil. À primeira vista, a sua ficção não envereda nenhum engajamento voltado para essas vozes que ecoaram na escrita das obras da literatura brasileiras durante o império da tortura do regime imposto, apresentando “‘a literatura do eu’, dos depoimentos, das memórias, da poesia biográfico-geracional”, como se refere Flora Süssekind (2004, p. 72). Nos registros de uma vida passada a limpo, na escrita dos grandes escritores brasileiros, observa-se que a realidade dessa época, transposta em texto, vai se convertendo não somente como espetáculo de uma estética do pavor e do medo, que ronda os passos do criador e da criatura, como se mostra com propriedade por um tom mais vivaz, verdadeiro, silencioso e imponente contra a exclusão de tudo que importava ao pensamento reducionista.

O vigor sexual é explícito nas narrativas de Noll e pelo qual se monta todas as peças de um tabuleiro onde se posicionam os retratos de homens heterossexuais, não tão machos e viris, traçados por suas imagens de perfis morais e de valores logocêntricos com os quais fomos calcados a engendrar. Entre os personagens masculinos do autor, consente-se, no espaço narrativo, conclamar relações homoeróticas. Por essa vertente de visualização, propõem-se sentidos opostos aos da masculinidade compulsória que determina mitos culturais legitimados. Os textos de João Gilberto têm, por esse viés, um lugar de fala, pois eles pactuam com o fundamento ético e distinto do indivíduo que, recortado no espaço textual, busca a reconstrução de si, experimentando um estilo de vida

Tendo foco a trajetória de uma outra masculinidade marcada, a arte literária do autor busca configurar significados movidos por silêncios, desconstruindo, desautomatizando linguagens em seus limites não revelados. Dentro desse contexto, a obra de Noll é ávida por relatos de sujeitos que parecem apontar para os experimentos de vida gerados por vias lacunares. O exemplo da obra de estreia *O cego e a dançarina*, através do conto *Alguma coisa urgentemente*, revela o drama de um garoto adolescente, tentando decifrar o refúgio constante do pai que, nos intervalos do fluxo narrativo, trilha o caminho da prostituição homossexual. Ao lado desse território, figura o trânsito de sujeitos que começa a florescer, em sua textualidade, as imagens de outro mundo que se multiplicam torrencialmente.

Significa lançar o relato para a órbita do antegozo que não se passa entre as quatro paredes do espaço privado, e sim de projetá-lo com o êxtase amoroso, que é regido pelo transporte sexual. O anúncio do “tesão”, no fórum da rua, é embebido na contemplação de efebos, de garotos, de homens maduros, de prostitutas, em volta do consumo do corpo em chamas. Corpos em fúria, a céu aberto, que gritam por prazer, seguem rastros, pegadas por um canal em que a existência de si se furta pelo sexual. Vale lembrar o primeiro romance *A fúria do corpo* escancarar a celebração amorosa entre homens e com a presença de Afrodite, companheira nomeada para as estripulias sexuais.

Afrodite é matriz heterossexual que alia os encontros sexuais com o protagonista. Afrodite é considerada mais uma mulher para servir, corpo-objeto à mercê das aventuras eróticas. De um lado, o companheirismo do casal prepondera, se entrega e integra a relação com o protagonista pelo uso do corpo, “legitimando” o lado serviente de ser mulher; por outro, o protagonista se serve das fugas e encontra em outro lugar, o das constantes viagens, mostrando a destituição do corpo da matriz

para se atrelar em outras filiais. É por onde as conquistas são filtradas pelas relações homossexuais. Tanto o protagonista, como Afrodite, são extraviados nos experimentos com o corpo, são vistos na travessia e, em circunstâncias alheias, as horas extras se fazem distantes da companheira de viagem pelas ruas de Copacabana, onde se revela a peraltice do personagem com homens, o que enaltece o acontecer, na rua, dos flagrantes de fúria do prazer.

A epiderme do corpo é superficialmente exposta no excesso do sexual. Corpo que se permite adentrar no roteiro em que presentifica a expressão de si, sem nome, instância anônima e absorvente, captada na forma errática de seus desejos furtivos. Os espectros da narrativa de estréia agregam com os demais romances, pontuando a liberdade de si num ritmo reconhecível da subjetividade homoerótica, ou seja, esta se reúne em torno do fundamento da amizade: garotos rebeldes, travessos, a exemplo da luxuriosa cumplicidade em *A fúria do corpo* e *Rastros do verão*:

[...] o homem veio, pronunciou sons de uma luxúria tão brutal que me aniquilou qualquer outra possibilidade que não fosse aquela ali, o homem não ficou impaciente: gozou, encostou a testa na minha nuca, retirou pouco a pouco o pau da minha bunda, um carinho inegável transportando cada movimento (NOLL. *A Fúria do Corpo*, 1981, p. 94-95).

[...] quando o garoto abriu a porta eu estava com o pau duro, e correu ao quarto nu, [...] sentou-se na cama, e me masturbou (NOLL. *Rastros do Verão*, 1986, p. 56).

Na deflagrada guerra amorosa, em *A céu aberto*, revela-se uma epopéia de corpos, na mesma fúria pelo prazer:

[...] o garoto filho de Artur está ali na minha frente dentro da noite no bosque, eu dizia que ele merecia ser comido, sim eu espalmei a mão na bunda do garoto, a mesma fúria: cuspi fundo na palma da mão, untei meu pau de saliva, o pau entrou de um golpe, o rapaz berrou... (NOLL. *A Céu Aberto*, 1996, p. 638-639).

E por olhares desejosos e contempladores em *Berkeley em Bellagio*:

Olho o meu próprio corpo, vejo que continuo o mesmo, uma quimera em carne viva, louco como em Porto Alegre pra me jogar na cama e meditar sobre a delicadeza de um outro homem (NOLL. *Berkeley in Bellagio*, 2002, p. 61).

Ainda, na constante viagem errática, emerge a solitária presença de si, quando o sexo se mostra em vias de cruzamentos anônimos, a exemplo do romance *Lorde*:

Direção? National Gallery, pois lá havia bons banheiros...E de lambuja dava uma boa contemplada nas banhistas de Cézanne, sentado no quentinho, vendo holandeses, caribenhos, japoneses passarem. No momento em que secava as mãos debaixo do ar quente, notei que tinha um cara que me olhava mais do que se pode esperar de um cavalheiro decente. Eu também o fitei. Pisquei o olho (NOLL. *Lorde*, 2004, p. 88).

Convocados os encontros homo-eróticos, permite-se ver, nos relatos, como os desencontros interpessoais cada vez mais se minimalizam, pairando a deserção do sujeito com o outro frente a

enunciação de si. No entanto, vale lembrar que a prática da homossexualidade é uma experiência moderna que funde a verdade histórica e social do sujeito. O problema que atravessa a modernidade, de acordo com Foucault, gira em torno da relação a si, saber se reconhecer, considerando a exterioridade. A subjetivação surge na ordem da prática reflexiva e a crítica ao universal, à verdade e ao sujeito emergem para a superfície cujo discurso fala das práticas do sujeito e de sua sexualidade.

Vejo a poesia de Roberto Piva (2005)², por exemplo, dialogar com a ficção de João Gilberto Noll, por desenvolver traços intensos e reveladores na exigência erótica. Piva enaltece o ato político e o corpóreo em sua escrita transgressora:

Eu sou o *jet set* do amor maldito
DENTRO DA NOITE & SUAS CÓLICAS ILUMINADAS
DISPOSIÇÃO DE IR À DERIVA NOS DADOS DO AMOR
ESTAMOS DEFINITIVAMENTE NA VIDA

(PIVA. Mala na mão & asas pretas, 2005, p. 27).

O 'tesão' em Piva é anunciado como uma “trombeta belicosa” e não somente soada “pela flauta doce do encantamento”. A metáfora de trombeta funciona para despertar a comunicação com o erótico de modo a emitir a existência anônima em frequências captadas de vozes em sua conduta errática. Como em *A céu aberto*, o erotismo é professado em meio à zona bélica. Nele, sua existência se efetiva nas relações disparatadas, não em chamadas que se irrompem na boemia anárquica ou nas baladas juvenis, e sim no *front* de combate ao universo do não conhecido.

Os sons da trombeta repercutem e buscam recompor os tons para enunciar o desconhecido, nos lugares em que o guerrear é possibilitar a diferença. Tanto na poética de Piva, como na de Noll, há cenas em que o homo-erotismo importa gritos ostensivos e caóticos, sintomáticos da hostilidade à domesticação das vontades. A vidência do homoerótico, referido aqui, se encontra à margem da personalidade romântica em meio aos apelos amorosos. Como lugar de experimento, há sempre travessias, cenários de transgressão onde o sujeito se torna móvel, forma em trânsito, dado à rupturas com o instituído.

Noll comunica com a poética de Piva, quando o poeta declara, também, a guerra nas extremidades das ruas, destacando o *eu* poético na insuficiência dos sentimentos – garotos rebeldes e depravados, reunião de corpos afoitos, estilos de vida com potência máxima para descartar ameaças de extinção, “vícios requintados necessariamente provados e sustentados em companhia” como afirma Pécora. (2005, p. 13). Nas textualidades de Noll e de Piva, a emergência do *jet set do amor maldito* está à disposição de *ir à deriva nos dados do amor*, como expressa os versos de Piva. O poeta dá mostras de textos fecundos percorrendo outra margem desprogramada, “sem ser presa fácil de imagens vistas pelo inferno de pijamas, de família, TV, vida doméstica, trabalho odioso e subalterno, autoridades cômicas, direita e esquerda fascistas”, segundo PÉCORA (2005, p. 12).

A EPOPÉIA DO AMOR COMEÇA NA CAMA COM OS
LENÇÓIS
DESARRUMADOS FEITO UM CAMPO DE BATALHA

² Roberto Piva marca sua estréia na literatura nos primeiros decênios dos anos 60 do século passado. A poesia é o marco da sua escrita cujo teor poético traz nuances investidos a existências de vida de maneira a demonstrar ostensivamente o cerco social, político, cognitivo e moral imposto. Mas, o valor supremo que respalda é o da transgressão, o lugar do sexo privilegiando fronteiras e a manifestação da homossexualidade no gesto de resistência à hostilização moral da metrópole moderna.

é ali que eu começo a nascer para a madrugada & suas
vertigens onde você meu amor se enrosca em
meu coração paranóico de veludo verde & delicias de
continentes

(PIVA, Abra os olhos & diga Ah!, 2005)

Se corresse para casa de Mark, me jogasse em seus braços, à hora já teria passado.
E queria me jogar nos braços do Professor Mark e entre eles ficar como um
pintassilgo molhado da chuva? Permanecer insistindo por mais uma chance em
Londres? (NOLL, L, 2004, p. 51).

O contato homoerótico é declarado nos proclamas criados por gritos das janelas, em Piva, visões das janelas e perambulações, em Noll, de onde se contempla e se deseja o salto para fora, numa “política do corpo em fogo”. O risco é identificar-se diante da estratificação das cidades, militarizada, maquinal e enrustida, como ocorre em *A céu aberto*: “Ninguém parecia notar a minha presença extraviada ali (NOLL, 1996, p. 603). Com isso, Noll se vale do inominável, disposto para atender ao rompimento da ordem do isolamento ou “à paternidade autoritária inscrita na cultura, na sociedade, na família” (PÉCORA, 2005, p. 14). O festejo sexual é armado na disposição para a amizade cúmplice na qual se projeta nos muros da cidade e, como afirma Bataille, revela imagens de explosão e de fermento que acusa tão somente ao sentimento de festa, de licença e de prazer pueril (BATAILLE, 1940).

Mas a emergência do *jet set do amor maldito*, na ficção de Noll, exige uma “atitude experimental com o sujeito”, desprovida de identidade e se intensifica por relações almejadas e, sempre, inatingíveis. O trabalho sobre si, então, cumpre na tarefa de seguir rumo a outros lugares, derivar por vias em que as relações homoeróticas são instantâneas e se constituem a si mesmas como flagradas, como um estilo de viver. Pôr o *pé na estrada*, eis o que os personagens masculinos de Noll fincam, construindo um tempo, o tempo de promessas cujos saltos se esbarram com a vontade de se filiar a alguém, de criar um elo. No entanto, são vistos sem parapeitos em seus rumos indefinidos.

Os encontros anônimos, reconhecidamente contemporâneos da cultura atual, reforçam a idéia de como as amizades homoeróticas projetam a imagem do ser perdido, sem elos e, constantemente, fragmentado. No espetáculo de desejos, a marca do talo se potencializa com a vivência corrente do masculino mais acobertado por tempos imemoriais, com personagens sem histórias e que vêm atuar em cenas produzidas pelo mundo das máscaras. Retirá-las significa acirrar com o lado do masculino imposto e direcionar para as nuances em que cabe o sensível, o frágil, que não apenas se destina ao gênero feminino. Talvez, cabe dizer, por um olhar fundado na passagem do infame ao inefável, do trânsito daquilo que ainda não fala, do *infans*, para aquilo que nos fala o que ainda não é, como pensa Agamben (2002). Acena-se, assim, para a realidade pós-moderna, para o local em que o homoerótico é atravessado pela reunião de indivíduos abertos para uma prática sexual livre, contudo, ainda não fala, não procura promover os resgates de histórias e de experiências compreendidas aos gêneros culturalmente construídos e passíveis de interpretações.

Com isso, reitero que os sujeitos homoeróticos, que protagonizam a literatura de Noll, não somente apontam homens em sua condição de serem deslocados, como também eles são situados nos “entre-lugares”. É quando a textualidade, de acordo com Silviano Santiago (2002), aposta na leitura da cultura e da sociedade e, por sua vez, alimentada por outras diferenças excluídas. Assim, amplia-se o discurso para a margem e como seus sentidos podem declinar para subverter hierarquias centralizadoras em função de diálogos férteis com outros páreos e associações culturais. Quer dizer, ao tratar daquele ou daquilo que lhe é estranho, a imagem da homossexualidade é focada como reflexo do Outro, identificando-a de forma distanciada e longínqua.

Ilustro ainda para os instantes de um tempo instaurando o exercício do erótico, em João Gilberto Noll, não localizado no memorial da casa, nos compartimentos e vãos do interior onde o ser capta e retém imagens, como bem projeta o estudo da *Poética do espaço*, de Bachelard (1993). Na vida do homem, diz o teórico, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso.

Para compreender melhor como a imagem da casa interfere a formação do indivíduo, a ênfase ao espaço furta o sabor do tempo quando capta a imagem da ambigüidade e do fragmento. Ou seja, a casa “pode ser uma forma de captar um paradoxo contemporâneo: o desejo de estabilidade, quando não de eternidade, em meio ao mundo em que as barreiras do tempo e do espaço se reduzem, seja por uma simultaneidade temporal, seja pelo encurtamento das distâncias”. (LOPES, 1999, p. 122). Essas são questões consideradas como modo de perscrutar a política do tempo e do espaço concernentes à contemporaneidade na sua constituição de diferenças.

Pensa-se, então, que o processo de descentramento com o qual a escrita de Noll dialoga está envolvido pela postura do nômade, do *on the road* da escrita do escritor norte-americano Jack Kerouac, aquecendo o desejo de viajar, de migrar e de localizar um ponto fixo que não alcança. Vale lembrar o sentido do neo-barroco pensado como estilo estratégico que se produz numa poética de desterritorialização e cuja subjetividade emerge frente aos fluxos, expressando-se constantemente à deriva. Ao questionar o ser descontínuo sob o tempo dos instantes, recorre-se a um presente de fugas, para subjetividades disjuntivas e consagradas por esse rumor. Sendo assim, as narrativas de Noll representam o tom desencantado com a modernidade, triunfadas no caminho para a formação do outro, de uma voz em constante êxodo.

Ela adere ao flerte, ao movimento, para além do horizonte estabelecido, para lidar com o que há de mais frágil, escorregadio, fugaz, nebuloso numa existência. O fato é que, com o experimento do passante, os personagens masculinos dos romances de João Gilberto são ressaltados nas formas de subjetivar o erotismo no seu movimento errante, cujas sensibilidades afloram sem o comprometimento da guetização. Assim, são lançados nos desvãos do existencial sem que sejam acobertados no domesticado. No devir preponderante dos seus textos, a busca da verdade é projetada para a exterioridade, para o movimento das sensibilidades a floradas. Mas, ainda seguimos os passos da modernidade, na reflexão do devir do errante, recaindo na ênfase da exercitação do movimento para fora, fazendo de si, do sujeito, uma obra de arte.

O ato de sair é revelar-se para outro mundo, o mundo do desconhecido, estrangeiro, estranho. Já o enraizamento dos sujeitos promove a experiência contida e não excitando uma espécie de *frenesi* que proporciona no mapa balizado pelo inferno das metrópoles por onde passam. O sentimento de não pertencimento ao outro, ao amor, ao lugar também faz parte do sentido de sensibilidade. Talvez, a estranheza de si se case com sensibilidade por fazer habitar uma face oculta, inominável dos personagens e, na percepção do estrangeiro, celebra-se o lado mais impenetrável da existência.

O estrangeiro se prende aos locais com o efeito de conduzir o sujeito em sua travessia, não somente física, como existencial. Daí, os encontros e as parcerias homoeróticas também se enunciam. Segundo Kristeva (1994, p.19)), “não se deseja os encontros, porém estes o desejam. Vivencia-os numa vertigem onde, desvairado, não sabe mais quem viu nem quem é ele mesmo”. É como se o corpo, em êxtase, entrasse em comunhão com o corpo do outro numa explosão que conduz o estrangeiro à travessia de uma fronteira rumo ao exterior. As relações subjetivas são compreendidas por esse olhar excêntrico, pormenor, minimalista, em que a melancolia e escritura se fundam e se permitem como percurso de análise na obra de Noll. Escritura, melancolia, sensibilidade, mínimo eu se oferecem como lança da diversidade no seio do presente, conectando o distante, apartando-se de família, de idioma, do país, para vir se assentar em outro local; é uma audácia acompanhada de um frenesi sexual, pois, sem mais proibições, tudo é possível, como reporta Kristeva (1994).

Contudo, o que é interior se desdobra, se exterioriza para o rumo de si incessante, como a pele poética do texto ficcional de Noll. Aquilo que “de alguma forma redime essa canga da ação que é colocada no pescoço do narrador” (TREECE, 1997, p. 16), se encontra na pele poética de sua obra e, se “a matéria vida é tão fina”, como enaltece o verso de Caetano Veloso, a existência do homo-erótico se expõe no rito de passagem, nos gestos de si, tornando-os visíveis. “Sim, o meu sexo sim; o meu sexo está livre de qualquer ofensa, e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui” (NOLL. *A Fúria do Corpo*, 1981, p. 25).

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: EDUEFMG, 2002.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi; Rev. trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BATAILLE, George. *L' Amitié*. Paris: Galimard, 1940.

FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo Nietzsche, Freud e Marx*. 2. ed., São Paulo: Landy, 2005.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOPES, Denílson. *Nós os mortos: melancolia e neo-barroco*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MORICONI, Ítalo. *Prefácio*. In: Berkeley em Bellagio. São paulo: Francis, 2003.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo (1981)*. In: Romances e contos reunidos. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. *Rastros do verão (1986)*. In: Romances e contos reunidos. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto (1996)*. In: Romances e contos reunidos. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio (2002)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NOLL, João Gilberto. *Lorde (2004)*. São Paulo: Francis, 2004.

PIVA, Roberto. Um estrangeiro na legião In: PÉCORA, Acir. (Org.) *Obras reunidas*. v. 1. São Paulo: Globo, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SONTAG, Susan. *Contra interpretação*. Porto Alegre. LP&M, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Belo Horizonte: EDUEFMG, 2004.

TREECE, David. *Prefácio*. In: Romances e contos reunidos. São Paulo: Cia das Letras, 1997.